

ENTRE IMPROVISOS E IMPREVISTOS: OS MODOS DE COMUNICAR POTÊNCIA MENTAL

Deisimer Gorczewski (Grupo de Pesquisa Mídia, Cultura e Cidadania UNISINOS)

Analice de Lima Palombini (UFRGS)

Fernanda Fontana Streppel (UFRGS)

Resumo

No contexto atual, parece indispensável refletir-se sobre a forte presença das tecnologias de comunicação em nossas vidas. Estamos todos – indivíduos e coletivos – implicados nas lógicas midiáticas que oferecem, disputam e negociam visibilidade e enunciabilidade no cenário contemporâneo. Nesse sentido, para este debate, foram destacados alguns aspectos pertinentes à mídia, no que se refere aos seus diálogos com as intervenções em rádio comunitária e os aspectos relativos à saúde mental. Os sujeitos implicados nesse processo, de um modo mais incisivo, nesse estudo, são “locutores” do Coletivo da Rádio Potencia Mental. A experiência de fazer rádio e comunicar potência mental teve início em 2006; no entanto, enfatiza-se a análise dos encontros semanais de preparação dos programas, realizados nos últimos dois anos. Problematisa-se o desejo de comunicar outros modos de fazer-se enunciar e dar visibilidade à loucura e ao sofrimento psíquico, bem como os sentidos de improvisar e lidar com imprevistos no acontecer da rádio. Analisar o sentido de algo é, de certo modo, analisar o seu acontecimento, tendo presente que o sentido não existe fora da proposição que o explicita. Um acontecimento diferenciado do que se concebe como fato ou episódio: acontecimento como um vir a ser. E, se para gerar um acontecimento é indispensável uma diferença de potencial, conseqüentemente, para que haja tal circunstância, precisa-se de diferentes níveis. Então, algo do campo do desejo passa entre os locutores e passa também entre eles e o coletivo no qual atuam, nas alianças por eles construídas e desconstruídas, bem como nas ondas da Rádio Potência Mental, em Porto Alegre.

Palavras-Chave:

tecnologias de comunicação, saúde mental, rádio, desejo, acontecimento

1. Início de conversa

Este trabalho parte do nosso compromisso com o campo da saúde mental, na perspectiva de um cuidado em liberdade, implicando a defesa do direito, aos ditos loucos, de habitar a cidade (ocupar as suas ondas sonoras, fazendo rádio, é uma das formas de habitá-la). Assim, a consolidação de serviços de saúde mental territorializados e abertos, com foco nas possibilidades de vida e não na doença, articulados em redes intersetoriais e com os atores sociais presentes no território, é um dos desafios que se apresentam aos seus profissionais, cuja formação, via de regra, vê-se circunscrita à área técnica da saúde. É um desafio, também, a todos os cidadãos, seus usuários por direito, que, de modo geral, não têm acesso à informação, ao conhecimento que lhes permita reconhecer e reivindicar outro modelo de atenção à saúde para além do hospital e da farmácia.

Buscamos, na comunicação social, canais de expressão para esses temas, entendendo as tecnologias de comunicação e, em especial, a radiodifusão como dispositivo estratégico em que se alinham a produção de conhecimento e os movimentos de luta por uma sociedade sem manicômios à produção de conhecimento e luta pela democratização dos meios de comunicação. Assim, que a loucura possa tomar a palavra através da rádio aponta na direção de um alargamento nos modos de habitar a cidade, favorecendo os processos inclusivos. Nesse processo, onde as tecnologias de comunicação passam a ser um importante intercessor de um tipo de inserção social, as mídias

comunitárias assumem papel estratégico junto aos movimentos de minorias. E, no tocante à radiodifusão, se as rádios comunitárias têm sido marcadas pela tendência a operar no âmbito de “micropolíticas identitárias e reivindicatórias de setores sociais específicos” (COGO, 2004, p.45), observa-se a presença de práticas que se pretendem de resistência atuando na via da desterritorialização – vide as ações das rádios livres intervindo com ou sem “permissão”.

A experiência aqui tematizada diz respeito aos encontros de produção de programas radiofônicos por parte do Coletivo de Radio Potencia Mental na Radio Comunitária Lomba do Pinheiro, situada na periferia sul da cidade de Porto Alegre. Na frequência FM 87.9, a Rádio sintoniza uma programação que acontece das 7hs às 23hs, diariamente. Com a participação de 16 moradores – comunicadores que realizam trabalho comunitário não remunerado – a grade de programação é composta por programas musicais, informativos, de entretenimento, religiosos, entre outras temáticas e modalidades radiofônicas. É no programa “Comunidade em Ação” que acontece a intervenção do “Potencia Mental em Ação”, denominação da janela que vai ao ar quinzenalmente, nas sextas-feiras das 10hs às 10h30min.

2. Coletivo de Rádio Potência Mental

O Coletivo de Rádio Potência Mental surgiu em 2006 através da iniciativa de um grupo de residentes em Saúde Mental Coletiva, inspirados na experiência realizada pela Rádio Nikosia, de Barcelona. O nome com que o Coletivo se apresenta, Potência Mental, foi sugerido por uma ouvinte da rádio comunitária para designar os programas levados ao ar pelo grupo, sendo encampado como seu nome próprio. Assim como a Rádio Nikosia, o Potência Mental tem existência fora do contexto institucional dos serviços de saúde mental de onde provêm os usuários que dele participam, o que possibilita maior fluidez e horizontalidade nas relações entre os integrantes do grupo. (PALOMBINI, CABRAL, BELLOC, 2008). Como coletivo de trabalho, tanto esses usuários, como os trabalhadores ou os estudantes nele incluídos, todos se vêem diante da tarefa comum de aprender e exercitar as técnicas de radiodifusão; e a cada um é dada a possibilidade de experimentação de novos lugares sociais: entrevistadores, poetas, radialistas, cantores...(TIBULO, ROSS, NUNES et alli, 2006). Todos se fazem, no coletivo, *loucutores* de rádio.

Além dos programas de rádio, o grupo tem também participação em eventos diversos, como o encontro do Mental Tchê, em São Lourenço do Sul, em 2007 e 2008, onde, junto com outros grupos, ocupou-se da produção da Rádio A Voz do Poste; esteve presente no Encontro Mundial de Rádios na Saúde Mental, no ano de 2007, em Buenos Aires; participou, como palestrante convidado, do seminário sobre Mídia e Saúde Mental, na Escola de Saúde Pública do RS, em 2008, e de roda de conversa sobre o mesmo tema no Encontro Estadual de Saúde Mental do RS, em 2009, além de outros eventos.

Desde 2008, o projeto passou a contar também com a participação de estudantes e profissionais da área da comunicação, dando ênfase ao caráter interdisciplinar – comunicacional, cultural e político - da proposta de produção de intervenções sonoras na cidade, mantendo-se em diálogo com as comunidades locais, não apenas sobre a saúde mental, mas sobre formas de encarar a vida e seus transbordamentos. (CECCHIN, 2008). Entre os temas debatidos ressalta-se: amizade, juventude e velhice, discos-voadores, flores, teatro e prostituição.

Os participantes do Coletivo reúnem-se semanalmente para preparação dos programas na rádio que são, atualmente, quinzenais. Privilegia-se, nesses encontros, o tempo das conversações, mantendo a possibilidade, durante a semana, de iniciativas individuais ou coletivas para estudo e pesquisa de informações sobre as temáticas escolhidas, bem como o planejamento de outras atividades, produção de novas vinhetas, etc. A cada encontro do Coletivo, um de seus participantes

fica encarregado de produzir um relato escrito da reunião. São relatos que, juntos, vão constituindo uma memória coletiva do grupo.

O Coletivo de Rádio Potência Mental mantém articulação com dois outros projetos também vinculados a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – um de informática e outro de vídeo. Sob o nome de “Rede de Oficinandos”, essas articulações têm como objetivo comum criar, consolidar e articular modos de inserção de tecnologias da informação e comunicação – TIC – no campo da reforma psiquiátrica, no dentro/fora dos serviços de atenção à saúde mental, acompanhando seus efeitos na constituição desses espaços e nos processos de vida de seus participantes.

3. O desejo de fazer acontecer rádio e comunicar diferença

Tomamos como norteadoras da escrita deste artigo duas idéias: a da rádio como *acontecimento*, resultante da potência dos imprevistos e improvisos que emergem do seu fazer; e a do *desejo de comunicar* outros modos de produzir sentido e fazer ver e enunciar *pela* loucura como o que move esse fazer. O acontecimento, na definição de Rajchman (1991), diz respeito ao singular, inatributável ou imprevisível, implicando uma outra lógica de sentido, em que as discordâncias levam a uma transformação, ou seja, acontecimento como distanciamento de si, ato de diferenciação – e não identificação que se repete sem diferença; já a aceção de “desejo” é tomada aqui na perspectiva que nos apontam Deleuze e Guattari, ou seja, desejo como produtor de mundos: em sua desordem, o desejo remete a uma anti-produção que produz, como defendem os autores (DELEUZE, GUATTARI, 2004; 2006) acerca do não-senso da loucura e do inconsciente como instâncias produtoras de mundos. O devir-loucura responde por esse vir a ser sempre inacabado que se faz diante do encontro de diferentes (DELEUZE, 1998), bem como permite a inscrição de uma expressão da ordem do sentido.

Ao acompanhar a produção de estratégias inventivas em tecnologias radiofônicas no campo da saúde mental, atentamos para as intervenções dos locutores, tecidas por linhas de criação e resistência – intervenções avessas às concepções e representações dominantes de loucura que produzem e ampliam o preconceito e a indiferença. Quando um ou mais locutores dizem do desejo de comunicar potência mental, estão construindo agenciamentos que são sempre coletivos – “multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao socius, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais” (GUATTARI, 1992, p. 20), atravessado por singularidades impessoais que se constituem como forças na sua constituição.

Assim, nas reuniões de preparação dos programas, insiste um burburinho de múltiplas conversas, afecções, pensamentos, percepções, escritos, de modo desconexo, paralelo, simultâneo, constituindo um espaço de afetações, de encontro de corpos, embrião da expressão. Algo se passa entre os locutores, que pode ser da ordem de um fenômeno físico, político, afetivo.... Algo da desordem do desejo passa entre os locutores e passa também entre eles e o coletivo no qual atuam, nas alianças por eles construídas e desconstruídas, bem como nas ondas sonoras que irradiam as suas vozes. Disso que se passa, que tomamos como *devir-loucura*, excede o acontecimento, jorrando suas singularidades incorporais insistentes no plano do tempo, cuja expressão é o sentido que se produz e se prolifera acerca das temáticas tratadas. (DELEUZE e GUATTARI, 1992; DELEUZE, 2007). É quando uma “comunicação da diferença” (CAIAFA, 2004) pode se realizar.

Ao analisar o enunciado de tais contraposições como frutos de agenciamento coletivo, visualizam-se as dimensões por onde o desejo corre. Nessa perspectiva, o agenciamento coletivo por uma “comunicação da diferença” remete a um estado de coisas e a estilos de enunciação. Os locutores, em suas narrativas de vida e, especialmente, em suas experimentações radiofônicas, expressam o que convém e o que não convém, gostos e também desgostos.

Na próxima seção, apresentamos um recorte do processo de produção e realização de um dos programas de rádio, o qual versou sobre os temas “teatro e prostituição”, tendo sido propício à composição de diferentes interlocutores. Para apresentá-los, selecionamos dois “acontecimentos”, destacando neles imprevistos e improvisos vivenciados pelos locutores e seus convidados.

3.1 Primeiro acontecimento: verso e reversos do amor

O processo de produção em rádio comunitária, livre, é radicalmente distinto do estabelecido nos meios de comunicação comerciais. Entre as diferenças, observa-se o modo como se constrói a pauta das programações. O Coletivo de Rádio Potencia Mental escolhe os assuntos e os modos de apresentá-los nos seus encontros semanais. As temáticas emergem nas conversações entre os locutores, nutridas com experiências cotidianas narradas e inventadas a cada novo encontro. O seguinte relato de reunião, com a presença de dois novos integrantes, nos dá algumas pistas do tom dessas conversas:

Após as apresentações falamos sobre sonhos, especialmente aqueles em que se aparece voando. [Um dos locutores] conta de um sonho em que bate as "asas" sobrevoando a casa dos avós; o [outro] conta de um sonho em que salta de cima das montanhas e, suavemente, toca o solo. Ainda, no assunto de sonhos, falamos da dificuldade em lembrar dos sonhos e [um terceiro locutor] comentou que bater na cabeça ao acordar provoca esquecimento dos sonhos. Também, falamos sobre gatos; os gatos que tivemos, os destinos que tiveram... Lembrou-se até de um chamado "Nelsinho", de propriedade [de um locutor] (relato da reunião do dia 03/6/2009)

Em meio a essas conversas, um dos locutores coloca sobre a mesa uma reportagem recortada do jornal, sobre a “rua do sexo” em Porto Alegre, como sugestão de pauta para o próximo programa de rádio. Ao mesmo tempo, um dos novos participantes do grupo conta suas experiências com o teatro, como apreciador e ator. O tema da prostituição enlaça-se a esse do teatro, pois, comenta-se, em ambos – prostituição e teatro – o que há são personagens. Os fios soltos da conversa encontram, assim, um ponto de amarra na insólita definição do tema que irá ao ar na sexta-feira: teatro e prostituição. Tomamos uma tal associação de idéias – sonhos, gatos, teatro, prostituição – como resultante do agenciamento coletivo de desejo que o espaço daquele encontro permite operar, fora da lógica habitual de sentidos. Propõe-se uma visita ao NEP (Núcleo de Estudos em Prostituição) e o contato com a atriz que faz o papel de prostituta na peça “Ópera do Malandro”, com vistas à participação no programa. O encontro com a atriz não acontece de imediato, mas, de forma imprevisível e surpreendente, num trajeto de ônibus, uma participante do coletivo, em conversa casual com a passageira ao seu lado, descobre que uma das componentes do NEP atua como atriz, inclusive usando o pseudônimo de “atriz-meretriz”. Assim, o programa, inicialmente pensado como um debate entre uma prostituta e atuante do NEP e uma atriz que interpretava uma prostituta no teatro terminou desdobrando-se em dois: o primeiro com a presença da atriz-meretriz, o segundo com a participação da atriz da peça.

Ao longo da preparação e execução desse programa, os temas do amor, trabalho, dinheiro, casamento, obsessão, loucura, corpo, sexo, rua, prazer, entre outros, inicialmente propostos em polaridades excludentes, foram aos poucos modulando composições, enlaçando seus termos num “e, e, e, e” rizomático que fazia proliferar os sentidos sobre aquele universo, tornado então polissêmico e plural.

Uma música, que relaciona prostituição, preconceito, denúncia e ironia, foi um dos agenciadores dessa proliferação de sentidos no comunicar potência mental.

Me chamou a atenção a sensibilidade do [locutor] em achar a música "Geni e o Zeppelin" inapropriada para este programa porque a maior parte da música fala em "joga pedra na Geni", e que por isso não ficaria legal ouvir isso enquanto a [atriz-meretriz] falasse. (Relato da reunião do dia 17/6/09)

Apesar do alerta feito, a música foi mesmo ao ar. Na seqüência,

Avaliamos que ficou muito desagradável a música ao fundo repetindo "joga pedra na Geni, ela gosta de apanhar, ela é boa de cuspir", tendo em vista as considerações que o [locutor] havia feito sobre não desrespeitar nossos entrevistados, e também ao fato de que talvez a população que nos escute não entenda a problematização que estamos propondo. (Relato da reunião do dia 24/6/09)

O que a música trazia de controverso foi motivo de preocupação e sua face irônica voltada ao preconceito agenciou sua presença no programa.

De igual modo,

[Um dos locutores] contou que achou a atriz-meretriz vulgar. (Relato da reunião do dia 24/6/09)

Ao mesmo tempo em que...

Inesquecível, foi a declaração de amor de [outro locutor] feita no ar para a atriz-meretriz, um pedido de casamento para o momento em que saíssem da rádio. Chamada de "flor de pessoa" entre outros adjetivos, a atriz-meretriz chegou a ficar meio sem jeito, mas levou na boa, pois era muito bonito o modo como ele fazia isso: um galanteador de primeira linha. (Relato do programa do dia 19/6/09)

Atriz-meretriz, jogapedra-pededesculpas, flor-vulgar. O coletivo, distraído, pôde honrar a produção que pretende, sustentando o que nela emerge como paradoxos de sentido.

3.2 Segundo acontecimento: a censura

Buscar “desculpar” a prostituta por ter entrado “nessa vida” contando sua história e as terríveis necessidades pelas quais passou e que a “obrigaram” a “fazer sexo por dinheiro”, como se poderia ver nas mídias de massa, não era essa nossa proposta. Tal como Guattari (2005) pensa as rádios subversivas sob a lógica do rizoma, nossa mídia se propõe menor. Mas a mídia comunitária em que nos inserimos nem sempre acontece como mídia menor, e

[O locutor] chamou a atenção para a questão da "censura" (é um programa exibido durante o dia...). (Relato da reunião do dia 03/6/09)

Boa lembrança, mas... Censura de que mesmo?

Nos assustamos com a má qualidade do início do programa, uma vez que a cortina musical estava com volume mais elevado que as nossas vozes. Discutimos sobre a possibilidade disso ser uma espécie de censura do locutor, mas não chegamos a nenhuma conclusão, porque ele pareceu gostar do programa em alguns momentos, mas, em outros, se mostrou tenso e avesso ao tema. (Relato da reunião do dia 24/6/09)

O programa foi muito bom na nossa avaliação e na do locutor. Ainda que para ele foi um pouco melindroso, pois teve de censurar um excesso da atriz-meretriz ao vivo, dizendo "vocês só vão falar sobre isso?". Isso, no momento em que [uma das locutoras] [...] perguntou sobre a fantasia na prostituição, semelhante ao teatro ao vir como uma realização. A atriz-meretriz contou de um caso em que o cliente deixou um revólver embaixo do travesseiro no momento da cópula e que gozou ao ver o espanto nos olhos dela. A palavra "gozar" foi censurada [...] No fim do programa, a "gauchinha divertida" ligou para o locutor, pedindo por que ele não censurou, ou por que censurou, não entendi bem. (Relato do programa do dia 19/6/09)

A má qualidade foi técnica, e a boa qualidade foi de conteúdo. Esse paradoxo até que é fácil de resolver. Mas, e o da censura? A ouvinte reclamou da censura ou da falta dela? O locutor censurou ou não? Ele gostou, ou não?

Aqui não está em questão a opinião pessoal do responsável pela rádio comunitária nem as impressões pessoais do relator, mas uma constelação de forças que agem *sobre, no, e com* o trabalho menor da mídia – forças imprevisíveis, compondo com os resultados e os sentidos produzidos.

A tentativa de decifrar as ações do locutor dizem da expectativa quanto aos efeitos da nossa intervenção. Matéria impalpável e invisível essa do acontecimento. Maldita ausência de matéria, maldito “não entendi” do sentido. Deleuze (2007) já falava do não-senso que doa sentido. E a maldição acaba, no instante em que se nota a potência de um mal-entendido.

Bendito mal-entendido. Bendita má-qualidade técnica, que oscila entre ser um imprevisto das vias radiofônicas e um improviso do coordenador/locutor diante da surpresa com o tema.

Censurou *e* não censurou, simples assim. Em todo caso, a censura também improvisa, e compõe. É mais um *e* do rizoma do acontecimento.

4. (In)conclusões

Os locutores convivem diariamente com diferentes formas de estigmatização que dificultam e enfraquecem as experiências nos espaços coletivos. Ao desejarem romper as fronteiras territoriais e identitárias que tendem a mantê-los confinados, os locutores traçam suas intervenções para além dos espaços pré-fixados, constituindo suas próprias redes de conversação presencial e radiofônica.

As intervenções dos locutores e os acontecimentos que os acompanharam na preparação e realização do programa radiofônico “teatro e prostituição” são considerados como potenciais articuladores das relações de forças inclusivas, entrelaçando desejos, experiências, poderes e saberes, agenciamentos comunicacionais e radiofônicos.

A experiência do Coletivo de Rádio Potência Mental sugere a emergência de saberes e práticas para a invenção e produção de sentidos de convivência com as diferenças que podem configurar propostas nas áreas de saúde mental e comunicação social desviantes de perspectivas homogeneizantes, fornecendo subsídios para inclusão de tecnologias de informação e comunicação na formulação e implementação de políticas de saúde e comunicação, tendo como perspectiva um alargamento das potências de vida na cidade.

5. Referências

CAIAFA, Janice. Comunicação da diferença. **Revista Fronteiras. Estudos midiáticos**, São Leopoldo - RS, v. 7, n. 1, p. 47-56, 2005.

CECCHIN, R.A. Loucutores da potência mental: de acompanhantes e acompanhados a radialistas. Trabalho apresentado no **9º. Salão de Extensão da UFRGS**. Porto Alegre, setembro de 2008.

COGO, Denise Maria. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: PERUZZO, Cicilia M. Krohling. (Org). **Vozes cidadãos – Aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. São Paulo: 2004.

DELEUZE, Gilles. **A Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Lisboa: Assírio Alvim, 2004.

_____. Capitalismo e esquizofrenia. In: DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta: e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 295-305.

_____. **O Que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. Milhões e milhões de Alices no ar. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do rádio – textos e contextos**. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2005, p. 199-207.

PALOMBINI, Analice de Lima. CABRAL, Karol Veiga. BELLOC, Márcio Mariath.

Dispositivos Clínicos em Saúde Mental: a clínica na cidade entre o acontecimento e a permanência - Do AT à radiodifusão como estratégia de ocupação da cidade. **III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental**, Niterói, Rio de Janeiro, 2008.

PARNET, Claire. **L'Abécédaire de Gilles Deleuze**. DVD7Vídeo. Produzido e Realizado por Pierre-André Boutang. Editions Montparnasse. 2004.

TIBULO, A.P.; ROOS, C.M.; NUNES, D.C.; MACHADO, G.B; TEIXEIRA, I.S., DAL MOLIN, J.P.; GARCIA, S.S.B.; TERRAGNO, T., SILVA, T.S. Programa de Rádio Potência Mental busca seu espaço. Trabalho apresentado no **V Congresso Internacional de Salud Mental e Derechos Humanos**. Buenos Aires, 2006.